

Dependência e individualidade nas literaturas africanas de língua portuguesa

Manuel Ferreira



João Barros

O comentário que se segue cinge-se às literaturas africanas de língua portuguesa e nada terá a ver com a *literatura colonial*, durante muito tempo confundida, intencionalmente por muitos, com aquela, de tal modo que ainda hoje alguns sentem dificuldade em operar a completa destrição.

Discursos mais do que diferentes, são opostos. A literatura colonial evidencia o ponto de vista do autor que aceita o estatuto colonialista ou quando o não aceita ainda não conseguiu libertar-se inteiramente dele. Assim a raiz do seu discurso literário, na essência, privilegia o branco, o colono que é entendido como o portador de valores culturais e civilizacionais superiores e se torna o herói mítico num espaço em que o negro é reprimido, coisificado; ou quando se pretende imprimir uma perspectiva humanizada, pouco mais se lhe concede do que um estatuto paternalista. Os textos colonialistas revelam-se inteiramente inaptos para a apreensão da complexa realidade social e psicológica do universo africano. E não a compreendendo invertem-lhe o sentido. Na literatura africana de língua portuguesa, ao contrário, tudo se passa, tudo se elabora de modo inteiramente diferente. A raiz do discurso desta literatura é na verdade o homem africano que não funciona já nos textos como por mero acidente mas sim como entidade soberana, que de facto é, no seu mundo específico. O centro do universo narrativo ou poético é assim o homem africano, enquanto ao branco, como elemento

real de presença e actualização, se lhe confere o tratamento adequado.

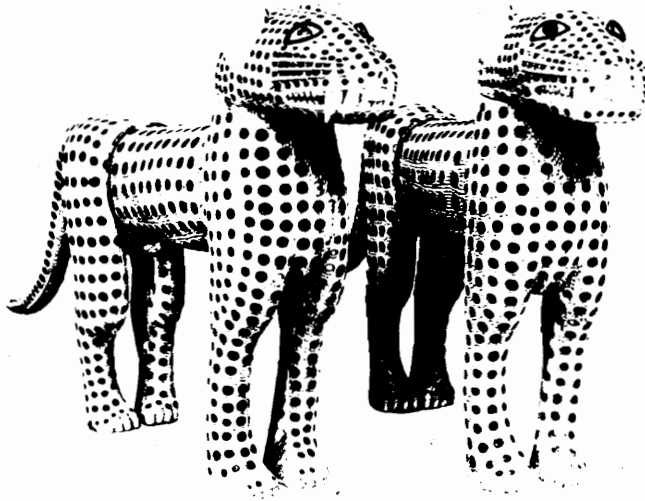
Deixemos de lado a literatura colonial versus literatura africana de língua portuguesa, destinada a ficar arrumada no discurso da humilhação ou do imperial colonialismo, salvo raríssimas excepções, para considerarmos apenas as *literaturas africanas de língua portuguesa*, ao cabo as reais literaturas da África onde se fala o português.

Os primeiros indícios das literaturas africanas de língua portuguesa vêm dos meados do século XIX. Pelo menos no que respeita às literaturas angolana e cabo-verdiana. Dizemos pelo menos porque em relação às literaturas das outras ex-colónias portuguesas há que adiantar o seguinte: de Moçambique não possuímos elementos concretos para fazermos uma afirmação tão precisa, dado que a investigação histórico-literária ainda não é suficiente para nos permitir uma conclusão definitiva, embora os dados que temos ao nosso alcance nos conduzam à convicção da ausência de fortes indícios de características retintamente moçambicanas no século XIX. Em relação a São Tomé e Príncipe há que considerar a existência de dispersos do poeta de expressão dialectal (*Jorro*), Francisco Stockler. E no que concerne à Guiné-Bissau, de facto as primeiras manifestações do discurso literário escrito são recentes: aparecem com a própria luta de libertação nacional, embora possamos eventualmente considerar a existência de inéditos, ainda que não anteriormente à década de 50. O caso de Vasco Ca-

bral, recentemente revelado no n.º 5 da revista *África*, é um exemplo, uma vez que ali foram publicados poemas seus datados a partir de 1955, um facto novo e relevante, quanto a nós.

De qualquer modo pode afirmar-se, isso sim, que as cinco literaturas surgem, com expressão verdadeiramente autónoma, no século XX. Mas ainda aqui haveria que definir etapas cronológicas diferenciadas para cada uma delas. Só para dar um exemplo diríamos que o discurso literário cabo-verdiano como representação ou expressão da verdadeira realidade cabo-verdiana se afirma a partir de 1936 com a revista *Clareza* enquanto a angolana se demarca, em 1951, com a revista *Mensagem*.

Mas serão importantes estes factos para um artigo, não necessariamente longo, que há-de subordinar-se ao tema da dependência e da individualidade? Talvez não, talvez sim. Mais importante, todavia, será retermos que estas literaturas nascem e desenvolvem-se numa situação do discurso (Todorov) ou num contexto denominado colonialismo. O colonialismo, todos sabemos, é a negação da personalidade do outro. Em todos os aspectos. Para além da repressão individual, da exploração económica, da negação do sentimento e da consciência nacionais, injecta a ideia de uma pátria outra. Ele, o colonialismo, nega ou reprime a cultura autóctone e obriga à cultura metropolitana. Altera os hábitos sociais, intervem na culinária, no vestuário, no sistema agrícola, no regime de propriedade, na habitação, no sistema jurídico, na or-



dem social milenariamente estabelecida, impõe novos padrões de cultura e substitui a língua. O colonialismo, de caso pensado ou por torça do seu sistema interno, despersonaliza o colonizado, deprime-o, destroi-lhe a imagem que ele forma do seu universo singular, coisifica-o e não lhe permite que ele se torne sujeito de história. Cria-lhe o complexo de inferioridade em relação à sua cultura, deforma-o, aniquila-o como cidadão africano. Por outro lado, já em período avançado, vai permitindo que alguns aprendam a ler em português e dá azo a que uma minoria ascenda ao ensino secundário e desta uma pequena parte ao ensino universitário.

Mas este é um percurso lento de séculos. Na história do colonialismo português os efeitos de uma aprendizagem são visíveis nos meados do século XIX. Cria-se, inclusive, uma burguesia mestiça e negra. Isto vem coincidir com a instalação do prelo que abre as portas à imprensa oficial, ao jornalismo, à possibilidade até do aparecimento de valores literários. Valo-

res literários que de algum modo se tornam nos produtores dos primeiros sinais destas literaturas.

Quando, porém, isto acontece, quando se propicia materialmente o aparecimento de valores literários, já essa camada da burguesia mestiça ou negra se encontra, na generalidade, degradada do ponto de vista cultural. Mercê da assimilação ou da aculturação, que consideramos uma fase posterior da assimilação, essas camadas da burguesia criaram, em muitos aspectos e em alguns casos, e numa espécie de corte vertical, complexos em relação à sua cultura o que significa em relação a todos os valores reais e profundos inerentes ao homem africano. O aparelho político, robot do aparelho ideológico ou o aparelho ideológico controlador do aparelho político, constroem um universo prático e mítico diferente do originário.

Vamos a dizer, os valores de torça e prestígio circulantes no sistema social são agora europeus. Os modelos deixaram de ser africanos em substituição dos modelos europeus. Seja cla-

ramente dito: a harmonia fora quebrada e instalado o caos na sociedade africana, agora sociedade colonial-africana.

Então os produtores de textos, de uma forma generalizada, até porque adquiriram complexos de inferioridade em relação ao seu sistema cultural: língua, relações de comportamento, mitos, crenças, hábitos, jurisdição, etc., actuam como assimilados ou como aculturados e movimentam-se espartilhados pelo sistema cultural europeu. Em tudo vão seguir, par e passo, os modelos do colonizador. Nesta fase de total dependência, a sua individualidade é extremamente problemática para não dizermos deformada.

Sendo o colonialismo um sistema carregado de contradições, os germens da sua própria destruição emergem em diversas circunstâncias e a vários níveis. Essa burguesia intelectual, negra ou mestiça, com o rodar dos anos vai adquirindo consciência da sua própria dependência e da sua apagada individualidade e actuando intelectual e culturalmente de harmonia com tal mudança. Mudança lenta, demorada porque as tenazes do sistema colonial são muito fortes e determinadas. Mas há um momento em que essa consciência começa por ser nítida, pelo menos em alguns poetas, depois nos prosadores e vai entretanto influenciar outros e em determinado momento estão criadas as condições precisas para uma deliberada mudança no acto da escrita. Essa influência exercida entre os intelectuais tende à organização de grupos, por vezes relativamente pequenos, que

terminam por se associar em volta de revistas ou suplementos literários. Então outros grupos ou estratos sociais vão ser sensibilizados para o facto. Neste caso, a tendência é para a inserção da literatura na prática política, exercendo-se mútua influência.

Começam assim a estar construídas as condições necessárias para se transitar de um sentimento regional ou nacional para uma consciência nacional. Mas chegados a esta fase do processo evolutivo, a reacção das forças colonialistas é imediata e profundamente se-

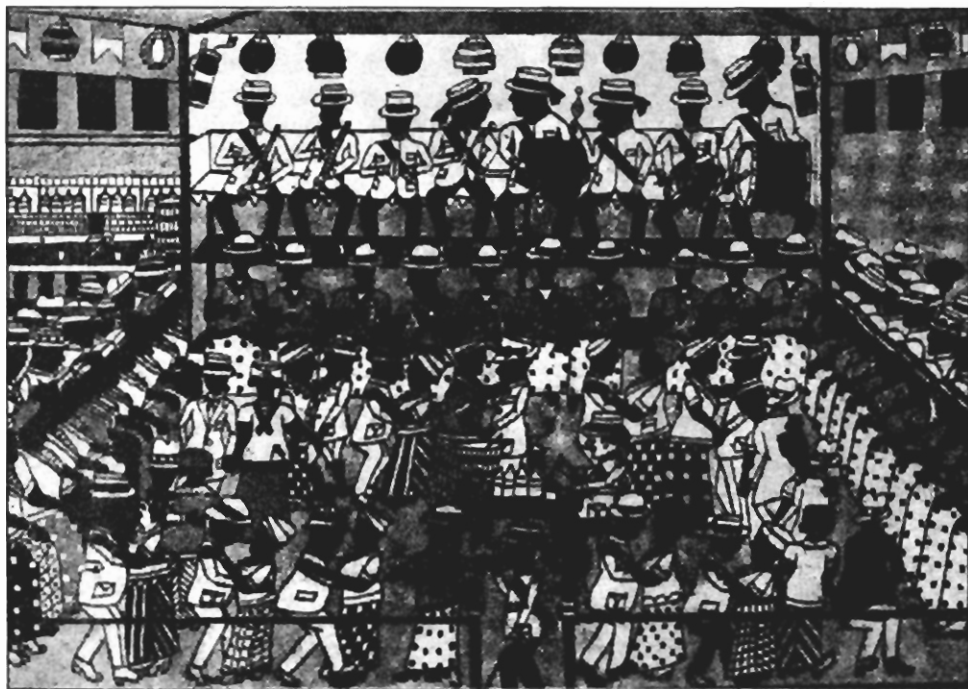


vera. O aparelho de estado colonialista procura travar o passo a esta evolução e a sua prática é a de destruição imediata, e sem apelo, das actividades culturais e literárias, provocando a dispersão dos grupos responsáveis. Realiza-o através de todos os meios de repessão ao seu alcance, nomeadamente da Censura e da PIDE. O recuo dos intelectuais e dos produtores de textos é apenas aparente. Faz-se por receio, por defesa, por tática mas jamais é suprimido o movimento de consciencialização, antes pelo contrário: lançadas as primeiras sementes, jamais os factores da mudança deixaram de actuar permanentemente, ainda que na aparência possam dar a impressão do contrário. Inclusive a repressão violenta das forças coloniais vai esprevidar as consciências, criar a animosidade e, a pouco a pouco, vai-se instaurando a ideia da necessidade de uma forte actividade literária paralelamente à organização política já em marcha. E quanto mais avançada é a organização política mais decididamente os escritores superam a sua condição de colonizados e se impõem através da produção de textos de raiz nacional e empenhamento numa luta comum. Ao de cima vêm então as características de uma literatura de resistência e de combate. Deste modo se vai diluindo a dependência e se vai desenvolvendo a individualidade do escritor africano. Quando surge o desencadeamento da luta armada, o que acontece aos escritores? Grande parte deles, que estiveram na base da fundação dos movimentos de libertação, estão

agora no seio da luta armada, outros abandonaram o seu país escapando à perseguição e à prisão, outros ficaram enganosamente silenciosos, na verdade remoendo a ingrata situação de uma espécie de semi-clandestinidade.

Nesta fase o escritor pensa a sua terra em termos de pátria, nação, rejeita o outro, o colonizador, e está determinado a uma prática literária integrada na nova situação, toda ela voltada, de vez, para a conquista da libertação nacional. Assume-se como homem inteiramente livre, repensa as suas raízes culturais, faz o reencontro consigo próprio e integra-se no destino colectivo da sua gente. Libertado interiormente, na sua qualidade de cidadão, como dissemos, mas enquanto escritor são ainda alguns e significativos os aspectos que impedem a destruição total da sua dependência e, conseqüentemente, não permitem a posse da sua inteira individualidade. Pelo menos em relação aos que ficaram na tal situação de semi-clandestinidade. A sua voz está condicionada por diversos liames, que lhe limitam o gesto e a expressão literária. É certo que ele, inclusive, busca nos valores populares e até nas próprias línguas maternas os elementos que há-de incorporar nos seus textos, o que contribui em grande parte para a sua libertação, mas ainda a não alcançou totalmente. Essa só virá a consegui-la com a independência nacional e a destruição completa do sistema colonial.

Podíamos quiçá, e em resumo, e numa aplicação generalizada, apontar os momentos essenciais da evolu-



ção das literaturas africanas de língua portuguesa em relação ao fenómeno da dependência e individualidade.

momento primeiro: o escritor africano encontra-se em estado quase absoluto de alienação, incapaz de se libertar dos modelos europeus. É como se fora puro acidente os seus textos terem sido escritos em África, pois podê-lo-iam ter sido na Europa por qualquer escritor europeu ou não.

momento segundo: apesar de um determinado grau de alienação, os escritores ganham, porém, a percepção de um certo regionalismo e o discurso acusa já alguma influência do meio social, geográfico e cultural em que estão inseridos e a enunciação vive já dos primeiros sinais de sentimento nacional.

momento terceiro: o es-

critor, após ter adquirido a consciência da sua condição de colonizado, liberta-se completamente da alienação e a sua prática literária cria a sua razão de ser na expressão das raízes profundas da realidade social nacional entendida dialecticamente.

momento quarto: com a independência nacional é de todo eliminada a dependência dos escritores africanos e reconstituída a sua plena individualidade. Dir-se-á, no entanto, que os textos dos poetas integrados na guerrilha se confundem, por vezes, com os escritos após a independência nacional.

É evidente que este esquema, como qualquer outro esquema, pode padecer de alguma rigidez. E padece mesmo. Em cultura e sobretudo em criação literária, por complexa, as coi-

sas não são assim tão demasiado inflexíveis. Admite-se que, para certos casos, o mesmo autor possa — mercê do carácter fluídico da sua produção e por se encontrar na charneira de dois destes momentos consecutivos — ocupar dois espaços simultâneos. Mas o que nós pretendemos nestas breves páginas foi destolar algumas ideias gerais e não fornecer um compêndio completo.

Caberia agora, com o apoio dos textos, entrarmos na demonstração alargada das nossas próprias asserções. Mas isso levar-nos-ia demasiado longe.

Todavia, adiantamos um exemplo para cada um dos "momentos" de modo a que, no menos, forneçamos uma ideia, ainda que escassa, do que se pretende com este arrazoado.

Primeiro momento:

José Lopes,
poeta cabo-verdiano

A UM POETA

*Doces quimeras de outrora,
não apresseis vosso termo!
Pode raiar uma aurora
Nesta noute de meu ermo...*

*Dispensai-me um só carinho
De tantas mágoas em meio,
Brandas penugens de um ninho,
Vagas ternuras de um seio!...*

*Roubai-me aos olhos o pranto,
Se estão tão perto do riso...
É muito pedir-vos tanto,
Mas de mais nada preciso...*

(1893)



Segundo momento:

Joaquim Cordeiro da Matta,
poeta angolano

NEGRA!

*Só, negra, como te vejo,
eu sinto nos seios d'alma
arder-me forte desejo,
desejo que nada acalma.
Se te roubou este clima
do homem a cor primeva;
branca que ao mundo viesses,
seria das filhas d'Eva
em beleza, oh negra, a prima!...
gerou-te em agro torrão;
S'elevant-te ao sexo frágil
temeu o rei da criação;
é qu'és, oh negra criatura,
a deusa da formosura!...*

(1884)

Terceiro momento:

António Nunes,
poeta cabo-verdiano
da geração da *Certeza*.

TERRA

*Nha Ciha, conte-me
aquela história
de meus irmãos
hoje perdidos
no mundo grande ...*

*Nha Chica, eu sei:
anos de seca,
gentes morrendo,
casa sem telhas,
de porta em porta
olhos crescendo
barriga inchando,
um dia tombam
de olhos vidrados
por qualquer canto ...*

*Lisboa, América,
Dakar ou Rio:
– dentro de nós
surge esta ideia
partir!, partir!*

*Resignados,
os que ficaram
ficam esperando
que as nùvens toldem
que a chuva caia
que o chão fecunde
cobrindo os montes
cobrindo as várzeas ...*

*Ah! anos fartos!
Milho, feijão,
pilão cochindo,
fumo no ar,
riso nos lábios,
grog, cigarros,
batuques, bailes
e casamentos ...*

*Olho estes campos,
olho estes mares,
e sinto a Vida
prendida à terra,
feita de sonhos
que um dia esvaem-se
– mas surgem sempre ...*

Quarto momento: Sérgio Vieira, poeta moçambicano:

ALVORADA

(um canto de confiança)



Sobre ti,
com o sangue
e a tristeza que nasceu em nós,
desce a luz do dia que se faz.
Como morre na terra a vida,
para que novas vidas germinem ao sol,
como se entrega crepitando ao fogo
o ramo forte da árvore,
assim,
vida e calor,
grito novo de esperança,
chegas tu, no mistério do luto.
E ainda doloridas
te oferecemos as nossas mãos trabalhadoras,
vermelhos e tristes
te entregamos os nossos olhos vigilantes,
e as nossas vidas de combatentes
mil vezes serão tuas,
no grito novo e enorme
como o flutuar da bandeira que içaste:
A luta continua

e sobre ti,
com a tristeza da manhã de Fevereiro,
com a esperança do Sol que nasce,
com a força imensa da vida
que cresce no ventre da mulher,
sobre ti,
desce a confiança do partido e do povo.
A ti,
reivindicamos a purificação e vingança
que o nosso sentido de justiça exige,
queremos um fogo ainda maior
que ao manilhar das ondas do índico
respondam os canhões da esperança,
que o limpopo transporte convulsivas
as carcaças de pontes,
que o zambeze se transforme em rovuma do maputo
e a tua mensagem
faça de nós ciclone devastando o inimigo.
E queremos
no amor que te damos,
na fé em que te envolvemos,
que nos transportes ao futuro
e faças da esperança realidade.
E preciso que o vermelho das buganvílias
grite alegria na pátria
e o sangue se torne apenas recordação.
À Pátria que ele nos deixou
deves acrescentar a revolução que a bomba
deixou incompleta
e do nosso grito
Independência ou morte
queremos construída
a realidade do
venceremos